

## A inclusividade anglicana\*

Jaci Maraschin

Faz muito tempo que trabalho numa instituição ecumênica de nível acadêmico. Tenho tido estudantes pertencentes às mais variadas denominações cristãs. Sou o único professor anglicano numa comunidade onde os anglicanos são poucos. É comum certa curiosidade a respeito da “minha igreja”. Mas, afinal, que caracteriza o anglicanismo, digamos, em face dos metodistas, dos católicos-romanos e dos presbiterianos?

Essa pergunta poderia atrair respostas apologéticas ou até mesmo proselitistas. Mas tenho que responde-la no espírito da própria resposta. O que caracteriza o anglicanismo é a sua inclusividade. Estarei, então, dizendo que as demais igrejas ou denominações não seriam inclusivas?

A palavra inclusividade pressupõe certos limites de tal maneira que não existe “plena” inclusividade. Ela também nos leva a perguntar que coisas são incluídas e que outras por força da própria inclusão seriam excluídas. Percebo assim que inclusividade não é palavra absoluta. Ela precisa ser qualificada. Acho boa saída dizendo que o que caracteriza o anglicanismo é a “inclusividade anglicana” não obstante a tautologia. Essa característica tem raízes históricas. Numa época em que protestantes e católicos-romanos acirravam os ânimos e se excluía mutuamente, os anglicanos tentaram a aproximação de elementos que pareciam irreconciliáveis à primeira vista. Quiseram, então, conservar o que consideraram essencial na fé católica ao lado de conquistas da Reforma Protestante como, por exemplo, o uso constante do que veio a se chamar “princípio protestante” que não é outra coisa senão o próprio espírito da profecia. Com isso o anglicanismo se viu no lugar de encontro e diálogo. Ao venerar a tradição da igreja antiga abriu-se ao mesmo tempo à novidade que a história ia lhe indicando. O Livro de Oração Comum tentou conservar os ritos e cerimônias do passado num clima de modernidade. Esse livro não se petrificou, evoluindo segundo as necessidades dos lugares e dos tempos. Hoje em dia não temos mais um só Livro de Oração Comum, mas diversos. Cada uma das nossas Províncias tem o seu próprio livro que, ao diferir dos demais, conserva deles o elemento essencial da liturgia da igreja de todos os tempos e lugares, que é a celebração dos sacramentos e a pregação do evangelho.

Na língua inglesa de onde vem o conceito de que estamos falando, se diz *comprehensiveness* que não tem muito a ver com a tradução literal dessa raiz que seria “compreensão”. Aliás, convém anotar que nossos melhores dicionários não registram a palavra *compreensividade* que, se insistíssemos, não passaria de deselegante anglicismo. Afirmar, pois, que uma das características da Comunhão Anglicana seria a *compreensividade* nos levaria a fazer uma afirmação incompreensível.

---

\* Artigo publicado originalmente em *Estandarte Cristão* n. 1733 – Jornal da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, março-abril-maio de 1995, p. 24.

Os melhores dicionários da língua inglesa nos ajudam a entender *comprehensiveness* como inclusividade ou abrangência. Sempre foi essa intenção dos teólogos anglicanos quando empregaram a palavra. Inclusividade significa a disposição para incluirmos na nossa experiência cristã a longa e rica tradição católica da igreja Universal, ao mesmo tempo em que nos abrimos para as redescobertas da Reforma Protestante e para as “coisas novas” que o Espírito está constantemente ensinando à igreja. Haverá, certamente, outras formas de inclusividade, mas entre nós essa forma tem sido enriquecedora e geradora de valores e forças espirituais.